

Nº 01
PARTE 1 DE 4
JAN/2018

ERIC NOVELLO
FERNANDA CASTRO
ROBERTO CAUSO
RODRIGO ASSIS MESQUITA
RODRIGO VAN KAMPEN



ORGANIZAÇÃO: JANA BIANCHI • CAPA: BRUNO MÜLLER

ÍNDICE

Editorial N°01-1	3
Tons de Rosa	5
PARTE 1	6
<deletado>	13
PARTE 1	14
Pé de Coelho	18
PARTE 1	19
Encantadores de Dragão	22
PARTE 1	23
Eterna: A Cidade Perdida	26
PARTE 1	27



Editorial N°01-1

Não fui eu que tive a ideia de fazer uma revista seriada. Estava navegando nas redes sociais quando vi uma postagem do Rodrigo van Kampen — editor-chefe da *Revista Trásgo*, referência dentre as atuais publicações brasileiras de contos de fantasia e ficção científica — falando sobre a vontade de ver nascer um projeto como esse. A vontade ele tinha, faltava o tempo de assumir mais uma publicação. Assim que imaginei as possibilidades, passei a ter a mesma vontade. E o tempo, que é um recurso essencial, vim a ter um tempo depois — quando tirei meu planejado sabático, um período afastada do trabalho como engenheira pra me dedicar só aos projetos literários.

Em algum momento entre a publicação e o começo do meu sabático, formamos uma equipe de gente empolgada e, por muitos meses, planejamos a edição experimental da revista — esta que você tem em mãos. Paralelamente, discutimos possibilidades de rotas e pormenores do projeto. Nossos caminhos e ideias mudaram muito, a própria equipe mudou. A única coisa que a gente tinha certeza era que a revista necessariamente seria dividida em partes, mas ao mesmo tempo seria uma mistura. Mistura de fantasia com ficção científica, de autores reconhecidos no mercado com autores iniciantes ainda sem publicações, de autores e autoras, editores e editoras, mistura de turmas, gerações, estilos, escolas. Por isso, muito apropriadamente, logo escolhemos o nome Mafagafo — uma criatura que, dizem, é formada de muitos pedaços de bichos diferentes.

Quer a prova de que o nome é adequado? Bom, essa publicação — Edição N°01, Parte 1 de 4 — traz o primeiro quarto de cinco textos que vão da água pro vinho. Começa com “Tons de Rosa”, invejável primeira publicação de Fernanda Castro. É uma noveleta capciosa de se definir, uma mistura de fantasia urbana com fantasia folclórica temperada com jambu e muita pimenta. A segunda noveleta, uma ficção científica chamada “<deletado>”, vai arrancar você do calor do Pará e te jogar direto na São Paulo de um futuro frio, perigosamente próximo, em que um software é capaz de editar todas as informações disponíveis no mundo e sabe-se lá mais o quê. Foi escrita por Rodrigo Assis Mesquita, que ironicamente retirou do ar suas publicações *cyberpunk* para editá-las depois de um período de imersão no estudo de escrita criativa. “Pé de Coelho” é um conto escrito por Eric Novello, um esperado retorno ao universo do livro *Neon Azul*. Mas, ao invés de conhecer mais sobre as figuras obscuras do Rio de Janeiro, somos apresentados ao Alquimista, misterioso mafioso paulistano. Em seguida vem “Encantadores de Dragão”, conto de Rodrigo van Kampen — editor-chefe da *Revista Trásgo*, escritor experiente e padrinho dessa publicação. Em um universo secundário, acompanhamos com frio na barriga as aventuras de uma menina que quer se tornar aprendiz de um mago para domar dragões. Por fim, temos a honra de publicar a noveleta “Eterna: A Cidade Perdida”, *steampunk* brasileiro da melhor qualidade escrita por um dos principais nomes da ficção científica brasileira: Roberto Causo. Com ela, viajamos de zepelin para a Amazônia para acompanhar as aventuras de Ulisses Brasileiro.

Dizem que um ninho de mafagafo tem três mafagafinhos. Pra fazer jus ao número cabalístico, cada autor se juntou a um editor e a um ilustrador pra dar o trato merecido a cada um dos textos. Eu editei “Tons de Rosa”, que foi ilustrado com muito talento pelo iniciante Vitor Clemente. Thiago Lee deu um tempo nos podcasts e nos cultos a Cthulhu pra editar “<deletado>”, que ganhou ilustrações de Gaby Firmo, ilustradora, capista e criadora de cavalos e dragões. Eu também tive o prazer de editar “Pé de Coelho”, que foi ilustrado por Bruno Müller — que também criou o Mafagafo mais fofo da história e a capa hipnótica dessa edição. João Pedro Lima usou toda a sua experiência de Diretor de Edição, Revisão e Criações Maravilhosas do jornal *Tempos Fantásticos* pra editar “Encantadores de Dragão”, que foi ilustrado pelo experiente Jânio Garcia. E o grande Santiago Santos, mago das flash fictions, assumiu a tarefa honrosa de editar “Eterna: A Cidade Proibida”, que ganhou ilustrações do próprio Causo — tão multitarefa quanto o próprio Ulisses Brasileiro.

Algumas coisas fugiram do planejado, como seria de se esperar, mas mafagafos têm muitos braços e acho que conseguimos dar conta do recado. Mas quem vai dizer isso é você, leitor!



Não deixe de nos contar o que achou da primeira parte dessa primeira edição. Mande um e-mail pra mafagafochefe@mafagaforevista.com.br, deixe um tuíte lá no [@mafagaforevista](https://twitter.com/mafagaforevista), uma mensagem direta no Instagram [@mafagaforevista](https://www.instagram.com/mafagaforevista) ou dê um pulo na página do Facebook, [Mafagafo Revista](#).

Se você chegou aqui sem saber muito sobre o projeto, visite www.mafagaforevista.com.br e fique a par de tudo o que acontece no Ninho — lá tem a resposta às perguntas frequentes, inclusive o que raios é uma revista seriada (sua revista não veio com problema, só tem a primeira parte de cada conto mesmo, tá?). Aproveite a visita e assine nossa newsletter pra não perder, nos próximos meses, a publicação da parte 2, 3 e 4, que trarão o restante dos contos iniciados aqui.

E claro, compartilhe a palavra — e o link para baixar a revista! — com os seus amigos!

Vejo você em breve, na parte 2!

Jana Bianchi
Mafagafo Chefe & Editora



Tons de Rosa

por Fernanda Castro

Quando a assistente social Máira retorna à cidade de sua infância, no coração do Pará, sabe que terá pela frente uma missão insólita: lidar com o misticismo da comunidade para colocar em prática políticas de prevenção capazes de evitar o afogamento de crianças ribeirinhas — segundo os habitantes de Miracema, criança que cai no rio é filha do boto. Em meio às viagens de barco, ao clima abafado e aos temperos do jambu e do tacacá, Máira precisará investigar a origem dessa lenda centenária, lutando contra a crendice e a desinformação que ela julga serem disseminadas pela líder espiritual do lugar. E, entre alguns copos de cerveja e olhares trocados no Bar da Cuíca, talvez Máira descubra coisas inacreditáveis. Principalmente sobre si mesma.



Autoria

FERNANDA CASTRO

Fernanda Castro é a traça-chefe do *The Bookworm Scientist*, blog literário interessado em dissecar obras e autores de fantasia, uma página por vez. Passou boa parte de seus 26 anos com o nariz enfiado num livro (o que talvez explique a miopia). Já publicou um conto na *Revista Trásgo*, foi organizadora da antologia *Valquírias* e atualmente pesquisa a área de *transmedia storytelling*. Nas horas vagas faz crochê, é mãe de calopsitas e tenta ler só mais um capítulo rapidinho antes de dormir.

www.bookwormscientist.com/

[www.fb.com/thebookwormscientist/](https://www.facebook.com/thebookwormscientist/)

contato@bookwormscientist.com

Edição

JANA BIANCHI

Jana Bianchi é engenheira, escritora, viajante, colaboradora do Clube de Autores de Fantasia, roteirista e co-host do podcast *Curta Ficção*, co-host do podcast *Desafio Ex Machina* e passeadora de lobisomens. Entre outros, publicou a novela *Lobo de Rua* (Dame Blanche), a noveleta independente *Sombras* e o conto “*Analogia*” (*Revista Trásgo* #09). Desde 2014, passa metade do tempo em Paulínia (SP) e a outra metade na Galeria Creta, estabelecimento dos submundos de São Paulo onde a realização de qualquer desejo está sempre em estoque. Pode ser encontrada no Twitter como [@janapbianchi](https://twitter.com/janapbianchi) e na newsletter que pode ser assinada em www.galeriacreta.com.br/beco.



Ilustrações

VITOR CLEMENTE

Vitor Clemente tem 23 anos, sagitariano, formou-se em produção publicitária e atualmente trabalha no ramo editorial, mas sempre que tem um espacinho no tempo dedica-se às suas ilustrações ou fica pensando em uma nova. Adora descobrir uma saga de fantasia onde pode viajar para outros mundos. Seu livro favorito chama-se *O Nome do Vento*, sua animação favorita é *Avatar*, sua casa é a Corvinal e seu patrono é um golfinho (segundo o Pottermore, é claro). Instagram [@vithxrcs](https://www.instagram.com/vithxrcs)



Tons de Rosa

PARTE 1



“Respeita Dona Máira, que ela é moça da cidade.” Máira já perdera as contas de quantas vezes ouvira aquela frase circulando entre os clientes do bar. Sempre que o dia de trabalho era difícil, fechava o expediente com uns copos de cerveja no Bar da Cuíca, o maior estabelecimento da longínqua comunidade ribeirinha de Miracema, coração do Pará.

Fazia um mês que Máira aceitara o emprego e voltara para sua cidade natal a convite do prefeito. Rubem Franca — ou Doutor Rubem, como era chamado — conhecia Máira desde menina, quando ele ainda era latifundiário e criador de boi. Segundo ele, a política lhe dera a chance de deixar legado. Além de mais dinheiro e menos problemas com a fiscalização, pensava Máira. Mas, se aceitando a oferta de trabalho ela estaria ajudando os ribeirinhos, que mal havia?

Máira girou o copo americano entre os dedos, observando as bolhas que subiam pela cerveja. Pensava nas crianças cujas mortes deveria evitar e também na própria infância. O calor era intenso naquela noite, o tipo de calor abafado e úmido que cola na pele, amolecendo os músculos. Misturado ao cheiro do jambu e da pimenta, servidos junto ao tacacá no balcão, ele deixava Máira dormente, em transe. Era o que ela queria. Não perceber o que acontecia ao redor, não sentir os olhares curiosos que a rondavam. Apenas perder-se em pensamentos.

Não pisava em Miracema desde os dez anos de idade.

Seu pai era professor. Com muito esforço, arrumou uma oportunidade na capital e levou a família embaixo da asa. Máira entrou como bolsista na escola, tirou boas notas, conseguiu passar na universidade pública. Tornou-se assistente social, comprou o próprio apartamento, um carro e uma vida simples, o que para ela não parecia muita coisa, mas em Miracema é como ser uma celebridade.

— Vai querer mais uma, Dona? — perguntou o dono do bar, um sujeito alto e alegre.

— Vou não, Olegário, tô só esquentando cadeira aqui antes de ir pra casa.

— Dia cansativo?

Ela confirmou com a cabeça e um meio sorriso.

Máira viera à comunidade para trazer progresso e salvar vidas. Ao menos, esse era o slogan do prefeito. Miracema arcava com a precariedade de seu modo de viver, metade do ano em terra e a outra metade erguida acima do rio. Naquelas condições, onde o povo ainda sofria com a malária e com as picadas de carrapato, questões de segurança ficavam pra depois. Era comum encontrar casos de afogamento. As construções não eram planejadas e as passarelas pendiam soltas entre toras de madeira, desafiando o poder da correnteza.

As crianças eram as que sofriam mais. Virava e mexia, os “anjinhos” caíam na água do Amazonas para nunca mais voltar. Filhos do boto, diziam os ribeirinhos.

Era contra isso que Máira mais lutava. Naquele mês recém terminado, ela havia conversado com as mães, aconselhado os pais, instruído os irmãos e irmãs mais velhos. Seu trabalho de reduzir a mortalidade infantil focava explicitamente nos afogamentos. Para ela, era um tipo de acidente mais fácil de tratar do que as doenças, ainda mais numa região onde ambulância era barco.



Só que esquecera de contar com a identidade cultural de Miracema. As pessoas têm suas raízes, assim como os igapós, e é difícil abrir mão dos costumes. Máira tinha dificuldade de se comunicar com os ribeirinhos, de se conectar com eles através de seu discurso de moça da cidade. Havia nascido ali, havia nadado naquele mesmo rio, mas não era mais parte deles.

Naquela manhã, logo cedo, havia pego o barco para falar com Mãe Preta, curandeira da comunidade.

— A senhora precisa conversar com as mulheres daqui. Precisa fazê-las entender a importância de manter as crianças perto d...

Mãe Preta ergueu a mão para que ela se calasse. Era uma mulher muito idosa, de pele encarquilhada e escura, a coluna recurvada pelos anos procurando ervas rasteiras na mata.

— Eu não atrapalho curso de vida, filha.

Máira passou as mãos pelos cabelos, buscando um pouco mais de paciência entre os fios castanhos.

— Adotar medidas de segurança não é se intrometer. A senhora não acha importante que a gente defenda a vida das crianças? Não seria bom para Miracema se os pequenos parassem de se afogar?

— Mas eles não se afogam. Já disse: criança que cai no rio e não volta é filha do boto.

— De novo essa história, Mãe Preta?

— É a verdade. — A velha ofereceu-lhe um sorriso privado de dentes. — Filho do boto é propriedade da floresta. A gente não tem nada que se meter. Se a menina aí se mete, atrai coisa ruim pra comunidade.

A assistente social dentro de Máira era uma mistura perigosa de ódio e pena. Como é que alguém podia ficar tão cego em suas crenças? Aquela mulher, a mulher mais influente da comunidade, preferia ficar de braços cruzados e ver uma criança morrer do que aplicar uma rede de proteção em volta das residências.

Não que a reação de Mãe Preta lhe fosse inesperada. A maioria dos ribeirinhos evitava os remédios distribuídos pelo SUS: confiavam apenas nos xaropes e nas rezas de sua curandeira. Máira sabia a força do folclore local e conhecia a aversão à mudança. Só não imaginou que a ignorância se estenderia também aos afogamentos.

Decidiu ir embora antes que soltasse alguma besteira. Mãe Preta fizera seu parto e a vira dar os primeiros passinhos. Era a líder espiritual de Miracema e Máira precisava levá-la em consideração caso quisesse conseguir algum avanço.

Antes que pulasse dentro do barco, porém, a curandeira segurou-lhe o braço.

— Tem coisa que a gente precisa aceitar como é, filha.

As palavras ecoaram no fundo da mente e as lembranças fluíram devagar, arrastando-se pela cabana de madeira de Mãe Preta e de volta para a penumbra do bar. Quando deu por si, Máira encarava Olegário com olhos vazios, o copo ainda na mão. O homem a observava com ar preocupado.

— A Dona tá se sentindo bem?

— Só estou cansada. O calor anda me derrubando.

— Sei... Sabe o que eu acho? — Ele começou a esfregar o tampo da mesa vizinha com um sorriso zombeteiro brincando nos lábios. — Acho que a Dona devia seguir o exemplo do seu amigo ali do lado e curtir um pouco a vida.

Máira virou-se na cadeira para observar a direção indicada por Olegário, embora já soubesse o que seus olhos iriam encontrar: no canto mais escuro do salão, apoiado numa viga de madeira, Delfim atracava-se com uma garota.

O vestido da moça, florido e de malha fina, subia perigosamente com o atrito, revelando boa parte de suas coxas firmes de ribeirinha. Enlaçava o parceiro pela cintura, as mãos sumindo por baixo da camisa num abraço urgente. Aplicado, Delfim correspondia com ainda mais fervor, beijando-a e lambendo-a até os limites da decência pública.

Máira continuou observando aquela dança que, embalada ao som do tecnobrega do Bar da Cuíca, tinha muito mais a ver com a natureza dos hormônios que do amor. Não que a cena lhe fosse estranha: para falar a verdade, era típica de Delfim.

Desde que o forasteiro, vindo de Rio Branco, abriu seu negócio de transporte fluvial em Miracema, a cidade simplesmente acostumara com sua luxúria. Delfim era dono de uma modesta frota de barcos de passageiros e pequenas lanchas movidas a óleo diesel, veículos bem mais rápidos do que os botes a remo ou gasolina que se viam por aí. Ao longo dos últimos seis anos, se alguém



precisasse visitar um parente ou ir de emergência até a capital, era com um barco de Delfim que subia o Amazonas. E é claro que, sendo tão bonito e levando tanta gente pra cima e pra baixo, não tardou a fazer sucesso.

Porque era preciso admitir que o desgraçado era bonito, era mesmo. Delfim tinha a alma da Floresta Amazônica: caboclo, de pele avermelhada e traços retos, o cabelo preto cortado rentinho à cabeça. Tinha um riso fácil, olhos serenos e o físico de quem passou a juventude puxando remo, algo que não dá pra reproduzir com treino de academia.

A vida de Máira tinha cruzado com a dele graças ao prefeito. Rubem Franca queria que a assistente social tivesse acesso garantido a todos os braços de rio onde moravam os ribeirinhos. Pagara bem para que Delfim acompanhasse a moça, dia após dia em sua jornada de conscientização.

— “Ninguém nesse país sabe navegar um rio tão bem quanto Delfim” — Máira repetiu as palavras do prefeito, virando a cerveja num único gole, jogando a mochila nas costas e levantando da mesa. — Parece que esse não é o único talento do cara, né não, Olegário? Fecha a conta pra mim, por favor?

O dono do bar gargalhou com gosto.

— Desde que não bote a mão em filha minha, tá tudo certo.

Máira deu um sorriso amarelo, como sempre fazia ao se deparar com a mentalidade patriarcal de Miracema. Pagou a conta com uns trocados e dirigiu-se até o casal encostado na viga, tentando ao máximo não se sentir incomodada com os olhares de relance que recebia dos outros fregueses.

— Ei, Don Juan, já chega por hoje. Quero ir pra casa.

Delfim separou-se da moça de vestido florido e olhou para Máira. Por trás dele, a garota limpou a boca com as costas da mão e pigarreou, constrangida. Foi saindo de fininho, se misturando aos outros casais que paqueravam por ali.

— Você é quem manda, chefe... — Delfim pareceu contrariado com a interrupção. Ainda assim, enfiou a camisa branca pra dentro da calça e se despediu dos conhecidos, partindo do bar para a noite escura sem emitir nenhuma reclamação.

Máira o seguiu até a praia improvisada, pisando fundo na lama pegajosa da margem. Entrou no pequeno barco a motor e aguardou de braços cruzados enquanto Delfim suava para arrastar a embarcação até a água.

Ao som da partida, subiu no ar o já familiar cheiro de combustível queimado. O barco balançou quando Delfim se largou no fundo, logo atrás dela, avançando marola após marola na superfície do Amazonas.

A risada dele a pegou desprevenida.

— Seria mais corajoso se você me julgasse em voz alta. Aí pelo menos eu poderia me defender.

— Ela devia ter metade da sua idade — respondeu Máira, ainda olhando para um ponto qualquer do horizonte. Naquele breu, era impossível enxergar além do facho restrito do holofote, mas ela estava decidida a não encarar seu companheiro de travessia.

— De onde eu estava, parecia uma mulher bem crescida...

— Que até ontem era só uma menina.

— Além do mais — disse, e exibiu um de seus sorrisos zombeteiros —, eu não precisaria estar lá com ela se você me desse uma chance.

Máira riu de frustração. As indiretas de Delfim eram uma constante em suas viagens de barco. O rapaz jamais a desrespeitara, então encarava aquilo como uma brincadeira — ainda que mais de uma vez ela tenha se flagrado com as bochechas formigando. Nem sempre era fácil ignorar um homem como ele. Mas Máira insistia, como código de conduta pessoal, que não era boa ideia misturar trabalho e lazer. Delfim era Miracema, e Miracema era sua obrigação. Sua vida sexual não fazia parte da comunidade e isso não estava aberto a negociações.

Contra as próprias expectativas (talvez tivesse exagerado na cerveja), virou-se no assento para encarar Delfim.

— Você não toma jeito, não é? Acha que tem uma relação de igual pra igual com as mulheres daqui? Você, que é viajado, que tem mais estudo... acha que é justo com elas?

Delfim empurrou a alavanca do motor para que o barco fizesse a curva.

— Nunca fiz nada que elas não quisessem — respondeu. — Também nunca prometi casamento ou coisa parecida. Eu não me aproveito de ninguém, se é isso que está insinuando...

— Não foi o que quis dizer.



— Sei.

Permaneceram em silêncio, movendo-se apenas vez ou outra para espantar os mosquitos que vinham atraídos como loucos pela luminosidade do holofote. Os primeiros sinais de habitação começaram a surgir na margem: cercados para bois, pneus velhos largados ao relento. Um pouco à frente, Maíra divisou as palafitas que marcavam o início da vila onde estava hospedada.

O motor foi desligado, seu ronco sumindo aos poucos como uma fera cansada. Atracaram junto a um píer de madeira quase podre. Delfim utilizou uma corda para prender a embarcação e ajudou Maíra a sair.

— Prontinho, sã e salva — disse ele, estendendo a mochila para a assistente social.

— Acho que poderíamos visitar o braço norte do rio amanhã. Quero ver se o pessoal de lá acatou alguma das minhas recomendações. Pode estar aqui antes das seis?

— Vou estar. — Suspirou. — Embora fosse bem mais garantido se já saíssemos daqui juntos. Posso dormir na sua casa?

Maíra riu, incrédula, e empurrou a proa do barco com a bota.

— Anda, vaza logo com essa tua canoa antes que eu...

Um grito alto ecoou pela noite, interrompendo-os e fazendo com que os pelos da nuca de Maíra arrepiassem. Ela e Delfim se encararam com apreensão. Ambos sabiam o que significava um grito como aquele. Não era apenas o grito de uma mulher assustada, ou mesmo contrariada. Não, aquele era um uivo de dor, de agonia, o som profundo e visceral de quem acaba de constatar o irreparável.

O grito de quem perde alguém que ama.

*

Tião jazia morto nos braços da mãe. Maíra o reconheceu na hora: carregava o mesmo nome do pai, tinha cinco anos e era um menino alegre e cheio de viço.

A mulher que soluçava, molhada e suja de lama enquanto abraçava aquele corpinho frio, chamava-se Antônia. A barriga lisa ainda não demonstrava os sinais da nova gravidez, mas Maíra sabia que havia um bebê ali dentro: Antônia a havia procurado alguns dias antes, preocupada. Não queria muitos filhos. Contara que a mãe tivera sete e mal havia o que comer dentro de casa. Dois já era um bom número, e ela queria saber o que fazer para não engravidar novamente após a chegada do novo rebento. Maíra lembrava o modo como Tião agarrou-se às saias da mãe durante toda a consulta.

Os sinais de afogamento eram claros. Olhos arregalados, lábios roxos, espuma viscosa e branca saindo pela boca. Todo o corpo do menino parecia macilento. Vizinhos e familiares amontoavam-se ao redor, impotentes.

Delfim pousou a mão no ombro de Maíra.

— Vou buscar Mãe Preta — disse ele, com suavidade. — Veja o que mais pode ser feito pela moça.

Maíra assentiu, calada. Estava reunindo forças, absorvendo o impacto daquela imagem e lutando contra o desespero. Havia falhado. Havia falhado mais uma vez com Miracema. Sabia que a morte de Tião era sua culpa.

Ainda assim, precisava mostrar-se inteira o suficiente para ser útil à comunidade. Alguém precisava ser. Pouco a pouco, inteirou-se do acontecido, fazendo perguntas e captando o burburinho dos moradores ao redor.

Tião havia saído para brincar no fim da tarde com as crianças vizinhas. Era mais ou menos nessa idade que as crianças do vilarejo passavam a circular livremente, e era exatamente aí que morava o perigo. Os pais começaram a desconfiar quando Tião não apareceu para a janta. O corpo do menino foi encontrado pelo pai na ribanceira do rio, alguns metros e algumas horas depois.

O resto da noite passou como um borrão. Maíra consolou os parentes, afugentou os curiosos, sobretudo as crianças, e auxiliou as autoridades quando estas chegaram para colher depoimentos e levar o corpo. Antônia foi amparada ainda aos prantos por Mãe Preta, levada para dentro de casa em busca de algum consolo. Maíra adoraria ter ajudado a confortá-la, mas julgou que a curandeira fosse alguém mais adequada para a função. Isso e o sentimento de vergonha que carregava, a incapacidade de olhar nos olhos daquela mãe sabendo que deixara seu filho morrer. Era seu trabalho evitar aquela tragédia.



Quando o sol despontou e trouxe os primeiros sons dos bichos da mata, Maíra levantou-se da cama onde sequer cochilara, calçou as botas e saiu pela porta carregando a mochila.

Delfim a esperava no píer. Sentado no chão do barco, comia nacos de beiju com manteiga de uma marmitta. Levantou-se ao ver a moça, limpando as mãos na parte traseira da calça.

— Deixa eu adivinhar: você não dormiu horinha nenhuma essa noite.

— Bingo — respondeu Maíra, entrando no barco. — Foram as olheiras que me entregaram ou foi o fato de eu estar usando a mesma roupa de ontem?

Delfim sorriu, mas nada disse. Nem fez menção de ligar o motor.

— Vamos lá no braço norte hoje, lembra? — perguntou a assistente social, incentivando-o com um gesto de cabeça.

— Você não está em condições de trabalhar.

— Não importa, ué.

— Importa se você não está no seu juízo perfeito.

Maíra bufou de frustração.

— Eu preciso trabalhar. Não posso parar nem por um minuto ou corro o risco de piscar e outra criança cair no rio! Você faz ideia do quanto doeu ver aquela cena ontem? E é tudo culpa minha que não consigo fazer a porcaria do meu trabalho direito! — disse ela, abraçando as pernas e limpando com raiva o cantinho do olho no joelho. A lágrima deixou uma marquinha redonda e úmida no tecido da calça.

Delfim ficou calado mais uma vez até que Maíra suspirou alto e retomou a conversa:

— Sabe por que não consegui dormir essa noite? Fiquei com medo de sonhar com ele, com Tião. Fiquei com medo do menino esfregar na minha cara que deixei ele morrer.

— Primeiro, isso não é verdade. E segundo... você não está em condições de trabalhar.

Miracema não vai se acabar se Dra. Maíra tirar uma manhã de folga.

Maíra deixou um riso contrariado escapar pelo nariz e optou por se render.

— Está bem... Mas não vou conseguir dormir, de qualquer forma.

— Tenho uma sugestão — disse ele, ligando o motor do barco.

Delfim os conduziu pelo rio, escolhendo seguir por um pequeno afluente que se enterrava na mata de igapós. O igarapé, parte do rio que seguia em meio às árvores, era barrento devido ao excesso de material orgânico, e pouca coisa se via através das águas. No entanto, era possível sentir a vida pulsando como nunca por ali. Macacos patrulhavam os galhos mais altos em busca de frutas silvestres, tambaquis surgiam vez ou outra na superfície com suas costas arqueadas. O canto dos pássaros chegava aos ouvidos da dupla como belíssimos lamentos.

O barco começou a ter dificuldade para avançar em meio às raízes quando o nível da água baixou para menos de meio metro. Delfim descalçou as botas e pulou na água, arrastando o veículo mais alguns metros até uma clareira. Amarrou a embarcação no tronco de uma árvore e voltou a sentar ao lado da assistente social.

— Prontinho — disse. — Bem-vinda ao consultório terapêutico da Floresta Amazônica.

Maíra sorriu, embriagada com a paz que emanava do lugar. Havia algo de quente, pesado e úmido no ar dali que a encantava, algo que nunca conseguira encontrar no restante do Brasil. O sol penetrava a clareira, vindo parar em seu rosto já filtrado pela imensidão de galhos acima. O dia estava lindo e tudo ali parecia gritar para que relaxasse. Acabou tirando também os sapatos e deixando os pés afundarem na água. Por um breve momento, lembrou-se de como era ser criança naquelas matas.

— É difícil acreditar que ainda existam lugares assim tão intocados.

— Sim — Delfim concordou. — Vou sentir falta daqui.

— Está pensando em ir embora?

— Só por um tempo. — Ele deu de ombros. — Peguei um contrato grande lá em Belém.

Transporte de carga por uns meses, com pagamento bom. Se não fosse isso eu ficava por aqui.

Miracema é uma cidade única.

A atenção de Maíra foi roubada por um ruído próximo. Algo estava perturbando a superfície, criando marolas a favor da correnteza em busca de águas mais profundas. Ela reconheceu a barbatana cinzenta e delicada no mesmo instante.

— Olha lá, um tucuxi! — falou, puxando Delfim e apontando para o pequeno golfinho. Ao contrário do boto-cor-de-rosa, o tucuxi era considerado um sinal de sorte pelos ribeirinhos. — Sabia que seu primo está me dando um trabalhão por aqui? — ela gritou para o animal.

Delfim achou graça.



— Sabia que eles não ficam em aquários de jeito nenhum? — ele comentou. — Digo, até tentaram, levaram alguns dos botos daqui para a Europa. Mas eles não se adaptam nem aceitam ser treinados. Botos, tucuxis... são tão selvagens quanto o rio.

Maíra admirou-se com o tom quase poético daquela declaração. Não parecia muito o tipo de coisa que um cara brincalhão como ele diria. Um homem apaixonado, talvez. Ele, não. Mas, afinal de contas, aquele era o consultório terapêutico da floresta, certo? Na dúvida, continuou observando o semblante de Delfim em busca de novas pistas. O rapaz parecia ainda mais à vontade ali do que ela. Os ombros estavam relaxados, segurando as bordas do barco, o cabelo reluzindo à luz indireta. Seu olhar perdia-se entre a folhagem lá no alto. Uma gotinha de suor escorreu pela nuca: acompanhá-la traçando o contorno da pele dele fez a garganta de Maíra secar. Delfim emanava uma aura de segurança e sensualidade que chegava a ser desconcertante. E talvez, pensou ela, fosse uma boa hora de retomar a conversa e evitar pensamentos indevidos envolvendo colegas de trabalho.

— O que você acha disso tudo? — perguntou, sentindo a voz sair mais esganiçada do que o normal. Pegou o cantil na mochila. — Dessa crendice do boto, quero dizer.

— Acho que você está fazendo o seu trabalho da melhor forma que consegue.

— Não respondeu minha pergunta. Quero saber se acredita na lenda.

O rapaz ergueu as sobrancelhas e meneou a cabeça.

— Acredito que a realidade tem faces distintas para pessoas distintas — disse. — Cada um faz a sua própria verdade.

— Então acredita no boto?

— Moça, já vi cada coisa esquisita nas minhas andanças de barco pelo Amazonas... Coisas que não se explica.

A assistente social riu, incrédula. Como alguém que era o diabo encarnado em relação às mulheres podia ser tão ingênuo e supersticioso?

— Vai me contar histórias de terror agora, Don Juan? — Maíra não resistiu ao deboche.

Delfim sorriu e entrou na brincadeira. Inclinou-se provocativo para ela, perto o suficiente para que pudesse sentir a respiração dele fazendo cócegas contra seu pescoço.

— Eu poderia te contar um montão de histórias se você deixasse. Nenhuma de terror.

— Você não presta.

— Você nunca me experimentou.

Maíra disfarçou o arrepio com uma risada amarela. Não devia ter cutucado a onça. Tentou concentrar-se na água, alisando a superfície barrenta com as solas dos pés. Delfim provavelmente notou seu embaraço, porque resolveu retomar por conta própria o tema original da conversa.

— Enfim, é ótimo que esteja trazendo medidas de segurança para as pessoas, mas talvez seja uma má ideia tentar convencê-las de que o boto não existe.

— Ora, por quê? Sei que o folclore é importante para a identidade cultural da região, mas ainda assim é folclore. Ignorância não traz benefícios, certo?

— Você chama de ignorância tudo aquilo que difere do seu jeito de pensar. É como se enxergasse as pessoas daqui como dignas de pena, como gente que sabe menos que você. E não estou falando sobre escolaridade...

Maíra cruzou os braços, toda a paz de alguns minutos antes evaporando rapidamente.

— Acha que não sei o que todos falam? Que sou uma dondoca querendo enfiar caraminholas da cidade grande na cabeça das pessoas? Acha que é cruel eu tentar evitar tragédias?

— Acho que é cruel você dizer para uma mãe que o filho dela simplesmente morreu! — disse ele, elevando um pouco o tom de voz para conseguir acompanhá-la. — Se a mulher perde uma criança, mas acredita que o filho virou boto e está feliz... que mal há nisso? Salve as crianças, ótimo, mas qual o sentido de estragar o pouco de consolo que essa gente consegue tirar da vida? Tião não vai voltar só porque você fez as pessoas acreditarem na sua visão de mundo.

O sangue correu pelas bochechas de Maíra, fazendo seu corpo esquentar. Sua vontade era revidar, falar umas boas verdades para Delfim, fazê-lo entender na base do grito o quanto doía a sensação de não pertencer à comunidade onde nascera. Ou de ser uma estranha para seu próprio povo, ou de ser olhada de cima a baixo por tentar mudar a forma como as coisas eram feitas, ainda que em prol das pessoas. Queria muito dizer tudo isso.

Mas ele não entenderia. Tocara na mais dolorida de suas feridas, mas não compreenderia o que fizera. Ela mesma não sabia bem como se sentia. Estaria ele certo? Ela realmente pensava no povo de Miracema como menos capaz? A angústia que sentia ao ouvir a lenda do boto sendo



repetida de boca em boca era vergonha de suas raízes? Era porque sabia que todos ririam disso lá na capital?

Maíra murchou e recostou-se no barco. Apoiou a testa com as mãos e lutou novamente contra as lágrimas.

Pensou em todas as vezes que fora rude com os ribeirinhos, descartando suas crenças como se fossem poeira. Ansiosa por ser ouvida e por salvar vidas, esqueceu de ouvir. Esqueceu o peso do fator humano na equação, deixando a empatia de lado. Que desrespeito. Com medo de ser considerada uma forasteira sem direito a pitacos, fez pouco ou nenhum esforço para se integrar com as pessoas, para entender a realidade delas. Ele tinha razão: e daí que elas acreditavam no boto? Isso não as tornava piores que ninguém. O fato de ter sido Delfim a abrir seus olhos para o problema só tornava as coisas ainda mais irônicas. Que bela profissional que ela era... aqueles anos todos de faculdade e não aprendera o mais importante.

Precisava fazer algo para reparar seu erro. Mais ainda: talvez Delfim tivesse lhe dado de mão beijada a solução para os seus problemas. Uma nova abordagem para lidar com os ribeirinhos, mais humana e amiga. Uma abordagem que talvez eles fossem ouvir.

Maíra sabia exatamente por onde deveria começar:

— Eu gostaria de visitar Antônia.

— Agora? Tem certeza?

— Sim.

— Tudo bem — falou Delfim, pulando na água para desamarrar o barco. — Eu levo você até lá.

Continua...



<deletado>

PARTE 1



Esta é a história de como fui apagado da existência. (É, sei que você sabe uma parte, mas não a minha parte. Bem-vindo à minha cabeça.) Minha falecida mãe sempre falava que eu entraria nos livros de História. Ela estava certa, exceto por duas coisas: um, não havia mais livros físicos desde a proibição do papel pelo Governo em 2077; dois, eu sumi da história.

O Doutor tinha acabado de me contratar quando a lei passou. “Papel é assassinato”, diziam os gigantescos e brilhantes painéis de LED distribuídos pela cidade. A mensagem reluzia com um desenho animado ao fundo: árvores com carinhas tristes choravam e gritavam enquanto um lenhador de olhos vermelhos gargalhava e as atacava com uma motosserra. Lascas voavam pra todo lado, espirrando sangue vermelho-vivo na cara dele.

Diziam que era uma medida ambientalista. Também acreditei na época, acho que sempre fui ingênuo.

(Calma, já chego na parte da História, Doutor. Paciência nunca foi seu forte.)

Na minha infância, havia uma foto piscando no criado-mudo do meu quarto. Nela, um estranho sorria pra mim. Me lembro de quando era muito pequeno, de ficar puxando minha mãe pelo vestido, enchendo o saco, até o dia em que ela soltou a bomba de uma vez e nunca mais tocou no assunto:

— <deletado>, o nome dele é Paulo. Ele é seu pai.

Arregalei os olhos.

— Cadê ele? — perguntei.

— Quando for mais velho, eu te conto.

— Mãe...

— Quando você estiver pronto. Já falei. — Ela era teimosa.

Inventei um sobrenome para meu pai, “Prado”, apesar de não ter nada a ver com nosso sobrenome. Fazia sentido pra mim. Eu só tinha sete anos.

Até os meus doze anos, no dia do meu aniversário, deixava um pedaço de bolo de chocolate na frente da foto e fazia um pedido. Foi quando eu e minha melhor amiga Mila, andando na rua à toa, paramos em frente à vitrine de um antiquário. Mila apontou o dedo e gritou:

— Olha, <deletado>, é o seu pai!

O mesmo modelo de porta-retrato digital que tinha ao lado da minha cama estava à venda, o mesmo homem oscilante me encarando. Pus na cabeça que ia esclarecer a questão. Gastei minhas economias e levei o porta-retrato pra casa.

— Quem é esse na foto, mãe? O que está acontecendo? — gritei, tremendo e chacoalhando o aparelho.

Ela se apoiou na pequena mesa redonda da cozinha, cruzou os braços e falou calmamente:

— É só uma foto de demonstração pré-carregada.



Meus colegas começaram a sussurrar e se levantar enquanto eu permanecia hipnotizado pela minha tela, pensando nas linhas de programação. A cabeça do vizinho apareceu sobre a parede do cubículo à direita.

— O Doutor está vindo — ele disse, agitado.

Achei que tinha algo a ver com a minha mãe, quando uma voz veio do corredor no lado oposto.

— Oi, <deletado>, como vai?

Era Gerson, com o braço casualmente apoiado na divisória do cubículo e um sorriso comercial no rosto. Parecendo um vendedor, ele estendeu a mão direita e me senti compelido a levantar da cadeira.

Apertamos as mãos. Senti que, se ele quisesse, poderia facilmente esmigalhar meus ossos. Então me deu uns tapinhas nas costas, como se fôssemos amigos de longa data, e perguntou:

— Como vai sua mãe?

Engasguei.

Ele exibiu aqueles dentes perfeitos e brilhantes:

— Me preocupo com meus empregados, <deletado>. Cada colaborador é um filho pra mim. Somos uma família.

— Ela está bem, internada num bom hospital. — Desviei os olhos pro chão. Ele calçava sapatos de couro impecáveis.

— Ela merece o melhor tratamento possível. Olhe, eu subi um evento na sua agenda pra nos encontrarmos na sede em São Paulo, lá no centro. Que tal? — Seus dedos pressionaram meus ombros de leve. — Por minha conta.

— Claro.

— Ótimo. A gente se vê. — Ele piscou.

O supervisor de área me deu uma breve olhada e, conversando, acompanhou o Doutor até uma sala afastada.

Eu devia ter desconfiado do que aconteceria mais pra frente ali.

Duas semanas depois, Gerson me recebeu de braços abertos em seu escritório com água cristalina e sem radiação, despachada diretamente das montanhas da Escócia, como fez questão de destacar.

— Estamos começando um novo projeto. Eu chamo de Compilador da História.

Ele acendeu uma tela-parede, eu nunca tinha visto aquilo ao vivo, e fez uma apresentação com direito a tópicos em bolinhas estilizadas e gráficos em pizza pensados para deslumbrar executivos.

— O software — ele continuou — serve para recuperar, coletar e indexar documentos históricos.

— Que documentos? — Fucei nos botões da cadeira, tentando recliná-la.

— O Governo nos liberou acesso a arquivos digitais e a uma vasta documentação em papel antes de incendiá-la, você sabe, para economizar dinheiro e para salvar os últimos blocos verdes do país. — Uma árvore sorridente apareceu na parede-tela. — Tem de tudo ali, legal e “ilegal”.

Revirei os olhos mentalmente.

— Não ligue para o desenho, é só um treco de marketing bem idiota. — Ele piscou pra mim. — Estou bem animado, <deletado>. Sei que eu não devia ser tão transparente, não fica bem pra um Presidente de empresa e tal, mas e daí? — Gerson esfregou as mãos.

— Então eu tenho que digitalizar textos? Isso já não existe faz tempo?

— Não, é diferente. A ideia é buscar toda a informação que existe, convertê-la, armazená-la e editá-la em tempo real. Você vai ser o líder de projeto. Imagine o Compilador da História, ou CH, como uma Biblioteca de Alexandria contemporânea, só que acessível sob demanda de qualquer lugar do mundo. Claro que o que for coletado vai passar por correções, para evitar erros de digitação e outras discrepâncias menores. Tem que ter uma padronização, coisa corporativa. Você vai receber instruções, se aceitar a proposta.

Aquela sala ampla e de pé direito alto como uma catedral folheada de cromo, um sonho deformado desenterrado das ruínas da humanidade, não parecia certa. “Correções”. A palavra me deu calafrio, mas pensei na minha mãe hospitalizada e fingi que não era nada.

O Doutor moveu a mão num arco e a propaganda de um hospital topo de linha preencheu a parede-tela.

— Sei que é uma decisão importante. Faz bem em não ter pressa. O cargo traz uns privilégios, claro, como seguro-saúde com cobertura para você e sua mãe. — Ele olhou pra tela e coçou o



Pé de Coelho

por Eric Novello

Diana é uma jornalista carioca. Enquanto investiga as atividades do Alquimista, líder de uma organização criminosa em São Paulo, recebe o contato de um dos seguidores do mafioso, que diz ter informações valiosas sobre o passado de seu pai. Sozinha com ele em um quarto, sem saber se caiu em uma arapuca, ela descobre que o submundo paulistano é ainda mais assustador do que parece. O conto é parte das novas histórias passadas no universo do livro *Neon Azul*.



Autoria

ERIC NOVELLO

Eric Novello queria ser o Charada quando pequeno, mas teve que se contentar em ser ele mesmo. É autor dos livros *Ninguém Nasce Herói*, *Exorcismos*, *Amores e Uma Dose de Blues* e *Neon Azul*. Além de tradutor, cultiva cactos e suculentas, coleciona bonequinhos e passa suas horas livres passeando pelos mundos imaginários de livros, filmes, jogos e séries de TV.

www.ericnovello.com.br

Twitter [@eric_novello](https://twitter.com/eric_novello)

Instagram [@eric_novello](https://www.instagram.com/eric_novello)

Edição

JANA BIANCHI

Jana Bianchi é engenheira, escritora, viajante, colaboradora do Clube de Autores de Fantasia, roteirista e co-host do podcast *Curta Ficção*, co-host do podcast *Desafio Ex Machina* e passeadora de lobisomens. Entre outros, publicou a novela *Lobo de Rua* (Dame Blanche), a noveleta independente *Sombras* e o conto “*Analogia*” (*Revista Trasgo* #09). Desde 2014, passa metade do tempo em Paulínia (SP) e a outra metade na Galeria Creta, estabelecimento dos submundos de São Paulo onde a realização de qualquer desejo está sempre em estoque. Pode ser encontrada no Twitter como [@janapbianchi](https://twitter.com/janapbianchi) e na newsletter que pode ser assinada em www.galeriacreta.com.br/beco.



Ilustrações

BRUNO MÜLLER

Bruno Müller costuma se apresentar como designer, mas na maior parte do tempo é arte-educador. Vive perdido em meio a mapas de lugares que não existem, seja explorando ou rabiscando novos caminhos. Tem os contos “Do Lado de Lá” e “O Casarão” publicados nas antologias *Dimensões.BR* (2009) e *Tratado Secreto de Magia* (2010) pela Andross. Entre desenhar e escrever, prefere fazer os dois juntos, e ultimamente anda tentando casar mitologias nativas e folclore brasileiro em cenários de RPG mirabolantes. Geralmente pode ser encontrado em [behance.net/brunomuller](https://www.behance.net/brunomuller), quase nunca no Twitter [@brnmuller](https://twitter.com/brnmuller) ou muito provavelmente na seção 398.2 da biblioteca mais próxima.



Pé de Coelho

PARTE 1



A batida na porta veio com quinze minutos de atraso. Toc toc toc, intervalo, toc toc. Diana se encontrava em uma pousada falida nos fundos da Estação da Luz, transformada em um cortiço ocupado por famílias sem moradia. Se afastou da parede rente à janela onde vinha aguardando e olhou o celular desligado uma última vez, pensando no que estava prestes a fazer.

Toc toc, ela bateu.

Toc toc, intervalo, toc toc toc, responderam. O código combinado. Diana enfiou uma das mãos no bolso, encaixando os dedos em um soco inglês. Vinha montando uma coleção desde que sofrera um ataque em uma reportagem investigativa no Rio de Janeiro. Soltou o trinco da corrente e abriu a porta, dando de cara com uma única pessoa parada no corredor sem luz. Um pouco mais alta do que ela, vestia calça, casaco e uma máscara azul que lembrava um capacete no formato da cabeça de um coelho. Seus olhos estavam iluminados como lanternas, a boca parecia um filtro de ar. As orelhas disparavam pontudas para cima, retas de um lado, curvas do outro, como grandes facas de cozinha. Diana fez o possível para não demonstrar reação.

“Entre.”

Seu contato obedeceu em silêncio. Ficou observando o quarto como se acompanhasse algo que só ele conseguia ver. Quando se deu por satisfeito, colocou um cronômetro em forma de cubo ao seu lado.

“Peço desculpas pelo atraso”, ele falou, ou ela. Difícil saber com a voz desumanizada por um modulador. “Eu precisava me certificar de que havia cumprido com a sua palavra.”

Diana fechou a porta do quarto e tirou a mão do bolso devagar.

“Sem problemas”, respondeu ela. Bateu a mão nas calças fingindo limpar uma camada de poeira dos dedos, ciente de que ele acompanhava o movimento. Já tinha visto fotos do Alquimista e seus seguidores mascarados, um dos grupos a dividir o comando do crime na cidade, mas não imaginou que estar diante de um deles seria tão... estranho.

Viera para São Paulo a convite do próprio Alquimista. Ele daria uma de suas festas disputadas, reunindo figurões da sociedade paulistana que não pareciam ter pudores em se divertir na companhia de um criminoso quando ele era também um empresário influente. O Alquimista tinha aceitado recebê-la para uma conversa franca horas antes da festa, uma proposta tentadora para uma jornalista como Diana. O preço declarado: que ela fosse sua acompanhante pelo restante da noite.

Na sua profissão, o risco era uma constante. E não seria a primeira vez que fingiria se divertir para conseguir as informações que almejava. Entretanto, o motivo que a convencera a viajar tinha sido outro. Através de e-mails, textos criptografados, fotos de QR code aparecendo e desaparecendo em suas redes sociais, um dos seguidores do Alquimista oferecia um encontro longe dos olhos e dos ouvidos de seu chefe.

“Eu sei sobre o seu pai”, o coelho havia dito.



Seguindo suas instruções, Diana viajara em um carro emprestado, seis horas e meia de estrada, para escapar do registro no aeroporto e da leitura de uma placa associada ao seu nome no sistema de radares rodoviários.

No caminho, se lembrou das palavras de Arthur, seu irmão gêmeo, dizendo que a rede de segurança que ela havia construído no Rio não a protegeria em São Paulo. Que as duas cidades operavam sob lógicas diferentes, e que benefícios de um lado podiam ser vistos como desvantagens do outro. Ele havia insistido em vir com ela, mas o seguidor do Alquimista tinha sido claro em suas exigências: ou ela ia sozinha, ou ele não apareceria. Por isso, preferiu não arriscar.

“Se eu sentir cheiro de problema, pego o carro e venho embora.”

“Nada envolvendo essa gente é simples assim e você sabe disso tanto quanto eu”, Arthur havia argumentado. “Eu posso viajar em um carro separado. Ficar zanzando pela plataforma da Estação da Luz fingindo que vou pegar o metrô e a gente se encontra depois que o seu contato for embora.”

“Agradeço a preocupação, Arthur, sério. Mas eu sei me cuidar. E não é como se estivesse com moral para me dar conselhos. Você nunca ouve nada do que eu falo. Aliás, parece que faz justamente o contrário do que eu digo só pelo prazer de se meter em confusão.”

Ele deu uma risada. Pôs as mãos na cintura como tinha o hábito de fazer nos poucos momentos em que falava sério. Difícil decidir qual dos dois era mais teimoso.

“Só não quero que acabe se ferrando. Será que é tão importante assim descobrir se o nosso pai conheceu esse maluco do Alquimista?”

“É o que o meu faro me diz”, Diana respondeu, sem a convicção que tentava demonstrar. A apresentação do pai e sua banda em um dos shows do Alquimista era a única pista que havia restado para a resposta que procurava. Se não desse em nada, assumiria que estava em um beco sem saída. “Além disso, o Alquimista não é o único chefe do crime em São Paulo. Se precisar, posso me refugiar no território de um dos seus inimigos enquanto penso no que fazer. A Liberdade tem ótimos restaurantes.”

“Pular da boca de um tubarão para a boca de outro não diminuirá o estrago dos dentes”, Arthur disse, desistindo de dissuadi-la.

“De uma toca de coelho para uma cama de gato, no caso”, ela falou. “Os dentes são bem menores.”

“Pelo menos me ligue quando acabar.”

Nisso os dois haviam concordado. Ninguém além de Arthur, a quatrocentos quilômetros de distância, sabia que se encontraria com o coelho. Se algo desse errado antes da festa, teria que se virar sozinha. Mal via a hora de ligar para ele e avisar que estava voltando para casa em segurança.

No quarto, o coelho continuava parado, cabeça virada na sua direção. Seria loucura demais se perguntar se realmente havia alguém por trás da máscara?

“A luz está me incomodando”, disse Diana, e ele desligou a iluminação sem contestar, deixando o quarto no escuro. Ela já havia testado os interruptores e sabia que o prédio estava sem energia elétrica, por isso esperou que os olhos se adaptassem, concentrada em qualquer menção de movimentos.

“Não foi a intenção.”

“O Alquimista sabe que está aqui?”

“Para ele, eu estou fora do ar. Acontece em algumas partes da cidade. Ele sabe a região onde me encontro, não o lugar exato. Contanto que saia desse quarto antes do cronômetro zerar, não haverá registro do nosso encontro.”

As histórias diziam que o Alquimista tinha conhecimento de tudo o que seus capangas viam, falavam e ouviam. Dono de empresas de tecnologia, desenvolvedoras de aplicativos e redes sociais, ele tinha sido uma presença constante em revistas de ricos, destaque em conferências de CEOs de sucesso e em todas as celebrações de homens e mulheres importantes de São Paulo, até reportagens levantarem suspeitas sobre sua influência em processos eleitorais em países da América Latina e sobre o quanto estaria ganhando com a venda de informações privilegiadas de seus clientes.

Entre um processo e outro, sua fortuna foi diminuindo juntamente com sua sanidade.

O material sobre sua derrocada era farto, mas Diana tinha lá suas dúvidas se um dos homens mais ricos do país simplesmente se afastaria dos seus negócios, venderia suas empresas e se tornaria um criminoso mascarado. Aquele parecia mais um papel ensaiado do que qualquer outra coisa.



Afinal, ele ainda parecia ter bastante dinheiro para gastar, conhecimento à disposição e uma fila infindável de figuras importantes de rabo preso para pedir favores.

Um dos criminologistas com quem Diana havia conversado disse haver uma teoria de que os capangas do Alquimista usavam chips intradérmicos que se comunicavam com suas máscaras permitindo a vigilância constante. Mas nenhum dos homens presos pela polícia possuía chip algum.

“Não que tenha chegado ao nosso conhecimento, pelo menos.”

“Uma história não precisa ser real para ter um efeito real em quem a escuta. Basta ver seus vídeos na internet para saber que ele é um orador convincente. Adicione violência e medo, e ele não precisa de mais nada”, Diana havia dito na época.

Seja lá qual fosse a verdade, aquele coelho, pelo menos, parecia acreditar na história. Havia prometido se desconectar da rede para poderem conversar sobre o pai de Diana sem conhecimento de seu chefe, um intervalo de livre-arbítrio, sem vigilância.

“Podemos começar?”, Diana perguntou.

Sem mais demora, o coelho apertou a base de sua máscara, na curva do pescoço, e então acionou o cronômetro. Os números brilharam vermelhos no quarto e os segundos começaram a correr.

00:19:56.

“Vinte minutos. Depois disso, não poderei mais garantir sua segurança.”

Continua...



Encantadores de Dragão

por Rodrigo van Kampen

Vivendo num mundo em que, além de estar eternamente submissa a uma elite poderosa, a vida é constantemente ameaçada por enormes feras vorazes e cuspidoras de chamas, qualquer mudança pode ser um privilégio. Mayara é uma menina sobrevivendo nesta realidade tão ameaçadora quando surge a oportunidade de se tornar aprendiz de um mago poderoso, capaz até mesmo de domar as grandes feras dracônicas. Mas o que poderia ser uma oportunidade de ascensão e liberdade se revela algo muito mais sinistro. Poderá Mayara sobreviver e salvar consigo Lúcio? E qual será o papel de Berg, a gnoma, nesta torre misteriosa?



Autoria

RODRIGO VAN KAMPEN

Rodrigo van Kampen é escritor, editor da *Revista Trago*, redator publicitário e tem uma moto acumulando pó desde que virou pai. É autor da novela *Trabalho Honesto* e já publicou em coletâneas da Aquário, Draco e em publicações independentes. Mora em Campinas com sua esposa, filha e uma vira-lata, escreve em viverdaescrita.com.br e pode ser encontrado no Twitter como [@rodrigovk](https://twitter.com/rodrigovk).

www.fb.com/rodrigovk

www.rodrigovankampen.com.br

www.viverdaescrita.com.br

Edição

JOÃO PEDRO LIMA

Escritor, roteirista e editor, seus maiores interesses e produção estão na fantasia urbana, literatura policial, literatura absurda/de humor escalafobético e literatura infantil/juvenil.

Atualmente se concentra em produzir eventos literários como as oficinas e palestras ligadas ao NaNoBrasil, escrever seu romance sobre magos e burocracia na agrídoca cidade de São Paulo, e em escrever e editar textos para o *Tempos Fantásticos*.

www.fb.com/joaopedro.limagoncalves

Twitter [@jplimag](https://twitter.com/jplimag)

www.medium.com/@joaopedro.lgoncalves

www.temposfantasticos.com

joaopedro.lgoncalves@gmail.com



Ilustrações

JÂNIO GARCIA

Jânio Garcia trabalha como ilustrador e professor de arte digital em Campinas, interior de São Paulo. Suas fontes de inspiração são mitologia, folclore nacional, teologia, pintura clássica e cultura popular cinematográfica e literária. É amante de café, livros, séries e podcasts. Para saber mais sobre ele, entre em contato através dos links abaixo ou dê três descargas e chame seu nome três vezes.

www.janiogarcia.artstation.com/

www.fb.com/janiogarciaart/

Instagram [@garcia_janio](https://www.instagram.com/garcia_janio)



Encantadores de Dragão

PARTE 1



Eu me lembro do terror. De quando nos escondíamos à noite, abraçados na cama, ouvindo o bater daquelas asas cada vez mais perto, rezando para os deuses, “protejam nossa vila”. O aviso das sentinelas, o soar do grande sino, os gritos, o pânico. Saíamos correndo de dentro das casas para encontrar fogo e caos. Os homens e mulheres mais bravos com lanças enormes tentavam afastar a fera em vão, sempre em vão.

Nina latia desesperada, enfrentando o próprio medo. Nós tentávamos tirá-la dali, mas a ninhada havia se enfiado nos buracos do estábulo e ela protegeria os filhotes com a própria vida.

Outros com um pouco menos de coragem faziam fila do poço às casas tentando apagar o incêndio que recomeçava a cada baforada da besta, e queimava casas, pessoas e animais. Os covardes e nós, crianças, corríamos para a floresta para tentar a sorte entre lobos e trolls. Nem todos que fugiam voltavam. Dos que ficavam, poucos sobreviviam.

Enquanto eu corria, puxada pela mão de meu irmão mais velho, olhei para trás e vi o monstro. Urrava em fúria enquanto seus olhos amarelos encontravam os meus.

Com o sol nascia a amargura. De manhã era hora de contar e chorar os mortos. O cemitério da vila era pequeno para tantos corpos. Dentre eles, o de meu pai, tio, avó. Eu tinha sete anos quando o último ataque ocorreu. E doze quando fui escolhida pelo encantador de dragões.

*

Madrugada alta, hora do troll, como dizia minha mãe. A vila parecia uma lembrança distante, eu estava há apenas dois meses trancada na torre, mas parecia muito mais. Hugo. Ele ia ver só. Tinha que ter um jeito de fazer ele olhar para mim, perceber que eu não queria apenas cumprir aquele papel, eu queria mais. Queria aprender.

Lúcio dizia que eu era uma bobona. Que eu tinha mais era que aproveitar a boa vida e a nossa sorte grande. As crianças escolhidas passavam um ano na torre, depois eram enviadas para servir a Lorde Rochedo. A vida dura semeando a terra havia ficado para trás. Lúcio dizia que seria um grande cavaleiro um dia, o braço de espada do lorde, eu que esperasse para ver. Nenhum plebeu chegava a cavaleiro, quanto mais braço de espada. Porém, quem era eu para julgar? Justo eu, com meus sonhos impossíveis.

Eu caminhava na ponta dos pés, com medo de ser pega. Não tinha nenhuma boa resposta, eu deveria estar na cama. Passava próxima à porta do quarto de Berg quando um floco de fuligem partiu da tocha na parede, dançou no ar e pousou bem no meu nariz. Tentei segurar a vontade de espirrar, mas consegui apenas ser um pouco mais discreta e bagunçar meus ouvidos.

Acelerei o passo, assustada, torcendo para que Berg não viesse atrás de mim. Eu tinha medo dela.

Cheguei à escada do acervo. A porta estava trancada, mas meu plano não começara aquela noite. Na semana anterior aproveitara um momento de distração para marcar a chave em uma barra



de sabão. Pouco depois, enquanto Berg me ensinava a forjar novas ferraduras para os cavalos, fiz a minha chave de estanho. Tinha que funcionar.

Girei. Depois de algum enrosco ouvi o clique da fechadura, com um sorriso no rosto e o coração batendo forte no peito. Quando apertei a maçaneta, duas mãos enormes seguraram meus ombros.

— O que está fazendo aí, menina?

Quase desmaiei de susto! Virei-me devagar. Berg era desproporcional. Tinha a minha altura, mas os braços eram quatro vezes mais grossos e compridos, chegavam até o chão. Seu rosto era torcido e a cabeça grande. Os dentes podres e pontiagudos sorriam e os olhos brilhavam alaranjados como os de um gato à luz da lua.

Em vez de me conduzir para Hugo, como pensei que faria, ela apontou para a porta entreaberta atrás de mim. Em silêncio, descemos as escadas. Ouvi a gnomo trancá-la por dentro e temi por minha vida.

O salão parecia abandonado. Teias de aranha e poeira impregnavam os tecidos que cobriam aparelhos diversos. Meus olhos percorreram rapidamente os vários orbes, espelhos, armas e cajados. Quão rico era Hugo? Eu sabia que todos aqueles objetos eram mágicos, e por isso valiosos. No entanto, não era dinheiro que eu buscava. Eu seria uma maga. Se Hugo não quisesse me ensinar, eu aprenderia sozinha.

Para isso eu precisaria sobreviver. Virei-me para Berg, que terminava de descer as escadas, e cruzei os braços.

— Você não é ignorante como as pessoas pensam que é.

Ela sorriu.

— E você não é obediente como deveria.

Não era fácil entender o que ela falava. Tinha um sério problema de dicção e arrastava as palavras.

— Qual é o seu plano? Você acha que eu não vi o jeito que você olha para esta torre? Aposto que conhece todos os seus segredos.

— Berg apenas serva fiel — ela disse, e pela primeira vez vi traços de sarcasmo em suas palavras. — E você, humana? Acha que não vi Mayara fazer cópia da chave?

Baixei os olhos. Fui desleixada e agora estava presa. Talvez tivesse alguma coisa ali que eu pudesse usar... Berg deve ter percebido meus olhos, pois cruzou os braços e sorriu.

— Escuta, menina. Sorte a sua que eu vi você fazer isso. Que estou aqui com você. A maioria dessas coisas pode te matar assim. — Ela tentou estalar os dedos, mas não fez barulho. — Vem, vem. Aprende.

Berg caminhou por entre os aparatos e levantou um dos tecidos.

— Cajado de Herculano, o Verde. Quem o segurar precisa dizer as palavras mágicas, ou pega fogo... Grudado na sua mão. É isso que você quer?

— Você sabe as palavras mágicas? — perguntei.

Ela sorriu, mas não respondeu. Jogou o pano por cima e me apontou outro objeto.

— O par de espelhos. O que você vê em um aparece no outro. Em qualquer lugar do mundo. Comerciantes pagariam um navio de ouro por isso. — Ela apontou para uma espada na parede. — Aquela invoca tempestade. E aquilo — disse, apontando um orbe oval, posicionado cuidadosamente sobre um suporte no centro da mesa — aquilo você vai descobrir logo, logo para que serve.

Um calafrio percorreu meu corpo. Aquela cor. Eu já vira aquela cor.

— Por que me seguiu? — perguntei. Berg pareceu irritada.

— Para ajudar. Para não fazer besteira, humana! Eu já disse!

— Ei, você ainda não me contou seus planos.

— Berg? Berg não deve satisfações!

— Se não me contar eu falo tudo para Hugo. Que você só finge que é ignorante.

Ela ficou em silêncio por algum tempo, parecia pensativa. Depois chegou tão perto que pensei que seria devorada.

— Sabe qual é o segredo? Eu não finjo. Não preciso fingir. Berg gnomo fêmea. Berg manca. Berg fala arrastado. Pessoas acham Berg burra, eu apenas aproveito. Vida fácil. Mas você, pequena humana... O que está fazendo aqui?



Corei. Eu me sentia envergonhada de ter achado que entrar ali me ajudaria em alguma coisa.
— Aprender. Eu queria... Eu queria virar uma maga. Desculpe, eu não sei onde eu estava com a cabeça, eu...

Berg colocou a mão enorme no meu ombro.

— Não, humana... Aprender não é vergonha. Aprender é bom. Berg aprende. Berg ensina.

Sorri, ela também.

— Mas não hoje. Hoje já aprendeu lição importante. — A gnomo apontou para a escadaria de volta.

— Espera, o que tem lá? — Perguntei, apontando para a porta do lado oposto da sala.

Berg olhou nos meus olhos.

— Oh... Não. Você não deve ir para lá... Nunca.

Proibir uma menina de doze anos de entrar em algum lugar é praticamente um convite.

Ignorei a gnomo e caminhei a passos firmes. Fui agarrada pela cintura com uma agilidade que me surpreendeu e em dois segundos ela já me carregava nos ombros.

— Berg fica com chave. Aqui é muito perigoso — disse, enquanto me levava escada acima.

Continua...



Eterna: A Cidade Perdida

por Roberto Causo

Uma cidade perdida, de tecnologia superior, protegida sob um manto de invisibilidade no coração do Brasil Central. Um casal que escapou do cárcere privado imposto pelo arrogante pirata dos ares

Albert Robida busca refúgio na cidade Eterna, erigida por atlantes que instalaram incógnitos nas selvas brasileiras. Mas os jovens heróis, Ulisses Brasileiro, um ex-capitão do Exército Imperial, e a filha de uma aristocrata atlante chamada Larsinia, descobrem que as divisões políticas da cidade

Eterna impedem que eles encontrem ali um porto seguro. Segundo episódio das Aventuras de Ulisses Brasileiro (iniciadas na pioneira antologia *Steampunk*, de 2009), “Eterna: A Cidade Perdida” é uma novela repleta de ação aérea, maravilhas tecnológicas, intrigas palacianas e uma feroz luta de artes marciais mistas...



Autoria e Ilustrações ROBERTO CAUSO

Roberto Causo é autor dos livros de contos *A Dança das Sombras* (1999), *A Sombra dos Homens* (2004) e *Shiroma, Matadora Ciborgue* (2015), e dos romances *A Corrida do Rinoceronte* (2006), *Anjo de Dor* (2009) e *Mistério de Deus* (2017), além do estudo *Ficção Científica, Fantasia e Horror no Brasil* (2003), que recebeu o Prêmio da Sociedade Brasileira de Arte Fantástica. *O Par: Uma Novela Amazônica* ganhou o 11.º Projeto Nascente, da USP e do Grupo Abril. A *space opera Glória Sombria* (2013), foi um dos indicados para o Prêmio Argos 2014 na categoria Melhor Romance, do Clube de Leitores de Ficção Científica. Tem histórias publicadas em 11 países, incluindo França, Cuba, Portugal e China. *Site* dedicado ao Universo GalAxis (ficção científica), e *blog* do autor:

www.universogalaxis.com.br

www.facebook.com/roberto.desousacauso | www.facebook.com/causo.misterio.de.deus

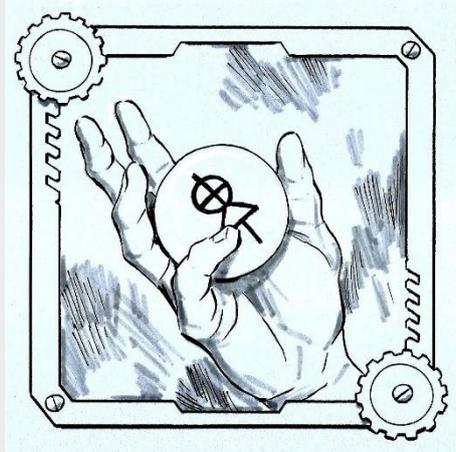
Edição SANTIAGO SANTOS

Santiago Santos é escritor, tradutor, tereréficionado e jornalista. Publica drops literários radioativos no [Flash Fiction](http://FlashFiction) e publicou seu primeiro livro em 2016, uma coletânea pé na estrada que mergulha na mitologia dos incas, *Na Eternidade Sempre é Domingo*. Pode ser encontrado no Twitter [@flashfictionbr](https://twitter.com/flashfictionbr) e no [Facebook](https://www.facebook.com).



Eterna: A Cidade Perdida

PARTE 1



I. O GUARDIÃO DO CAMINHO SUBTERRÂNEO

T *ic-tac tic-tac tic-tac tic-tac tic-tac TIC-TAC TIC-TAC*
 Ulisses Brasileiro tinha a Mauser C-96 em punho e engatilhada, antes mesmo de ouvir o crescente ruído mecânico ecoar pelas paredes de pedra do corredor. Agora ele flexionava os dedos em torno do cabo de madeira da pistola metralhadora. A jovem Larsinie tocou seu braço.

— Não há perigo — disse ela.

Devagar, Ulisses tirou o dedo do gatilho. Mesmo quando a estranha figura surgiu diante deles no corredor mal iluminado, ele não voltou a pressioná-lo. Confiava em Larsinie: estava no mundo dela agora.

Ele imaginou que o vulto fosse de um homem altíssimo vestindo uma armadura de ouro e prata. Mas os painéis esqueléticos em seu peito largo deixavam claro que não era armadura. O quartzo transparente revelava: cilindros, rodas dentadas, barriletes e *fusees* funcionando com rítmicos estertores de inseto.

— É um autômato dos senhores de Eterna — Larsinie anunciou.

A cabeça, semelhante a um crânio humano, mas duas vezes maior, também exibia detalhes esqueléticos nas têmporas: centenas de minúsculas chaves de ouro e platina subindo e descendo e alternando posições. Mesmo na fraca iluminação, reluziam. As placas metálicas do peito traziam três mostradores salientes, ponteiros e algumas inscrições grafadas em língua desconhecida. O autômato tiquetaqueava e tinha olhos que emanavam o brilho constante da eletricidade. Mas nem suas juntas nem os pés metálicos e articulados, com solas de borracha maciça, faziam ruído. Ulisses, acostumando-se à sua presença, reconheceu que os requintados arabescos geométricos de ouro sobre prata davam à máquina fisionomia benigna.

— Ele está aqui para nos acompanhar até o coração de Eterna — Larsinie disse. — Estaremos seguros.

A moça se aproximou do autômato. Ela segurava, entre os dedos delicados, um minúsculo dispositivo que até há pouco era a insígnia no ombro do seu traje colante: uma cruz inserida num círculo equilibrado no vértice superior de um triângulo. O traje fora descartado — a jovem vestia apenas a túnica militar de Ulisses —, e a insígnia transformara-se num dispositivo de orientação. Ulisses supôs que testemunharia nova função do aparelho.

Larsinie inseriu-o em uma discreta cavidade no peito do homem de metal. O disco acomodou-se ali como se ao autômato pertencesse. Engrenagens douradas moveram-se por baixo do invólucro transparente. O autômato virou-se muito devagar e começou a afastar-se. Larsinie seguia ao seu lado, diminuída como criança.

Ulisses forçou-se a acompanhá-los. O autômato fez um gesto elegante com uma das mãos de cinco dedos articulados. Indicava outra abertura no túnel, diferente da primeira, pela qual vieram



Ulisses e Larsinie, e da segunda, pela qual ele mesmo viera. Um curto corredor escavado na pedra conduziu os três a uma passagem bem mais larga. A iluminação, também elétrica, acendia-se conforme avançavam, revelando vasta galeria. No solo, dois trilhos muito finos; sobre eles, um carrinho de mui pequenas rodas de aço. Não era um carro de mão ferroviário comum, pois não havia alavanca, catraca ou corrente. Mas tinha assentos, para cinco ou seis passageiros.

Ulisses sentou-se ao lado de Larsinie, ambos voltados para a frente. O autômato postou-se diante deles. Um zumbido ganhou o ar, e o carrinho começou a movimentar-se. Ulisses imaginou que sentiria, mas não sentiu qualquer cheiro de ozônio. Os trilhos levavam a um único destino possível: o interior da terra. A princesa atlante pousou a face no ombro do tenente do Exército Imperial. O coração de Ulisses ameaçou parar. Ele sofrera experiências avassaladoras nas últimas semanas.

II. MARAVILHAS DA CIDADE ETERNA

O trânsito pelo subterrâneo prosseguiu por vários minutos. Uma luz surgiu longe no túnel, no trecho não iluminado pelas lâmpadas que se acendiam à passagem do carro. Mais um pouco e o túnel abriu-se enfim para o céu entrevisto por entre as ramas de muitas árvores. Logo as árvores também ficaram para trás, substituídas por campinas e campos cultivados. Ulisses pôde ver que o céu azul era ocupado por máquinas voadoras de formatos diversos. Umhas poucas lembravam as lanchas aéreas empregadas por Robida, o pirata dos ares. Nenhuma lembrava os balões dirigíveis de Alberto Santos Dumont. Muitas eram esguias e reluzentes, feitas de metal pesado que, não obstante, ganhava os ares. Mais além, no rumo do horizonte distante, três pirâmides de pedra sobressaíam-se acima das campinas, florestas e morros. Eram encimadas por colunas altíssimas, de centenas de metros, tão altas quanto a Torre Eiffel.

Os trilhos do carrinho avançavam retos. Ulisses passou a divisar novas formas e funções das máquinas voadoras. Uma delas despertou-lhe o riso: nada mais era do que um carroção de bois — sem os animais de tração, evidentemente, e sem eixo ou cabeçalho, apenas a mesa e as rodas de pranchas de jacarandá a girar com lentidão. Ia carregada de ricas ramas de mandioca. Até onde Ulisses podia dizer daquela distância, um autômato a pilotava com controles invisíveis. Ele divisou, na traseira, a forma reluzente do conjunto de baterias elétricas e do misterioso material anulador de gravidade que conhecera a bordo da nau capitânia de Robida, o *Le pilote fantôme*.

Levado ao ar por Alberto Santos Dumont em um balão dirigível e caçado nos céus nevoentos da Serra da Mantiqueira pelo navio aéreo de Robida, numa feroz batalha em que perdera um de seus homens: assim o capitão do Exército Imperial foi capturado pelo pirata dos ares.

Para engendrar sua fuga — que contara com a ajuda do padre Landell de Moura, outro homem da ciência cooptado à força pelo vilão —, teve a audácia de lançar-se no vazio. Sua queda foi detida por um singular invento de Santos Dumont: o paraquedas. Nada, porém, se comparava ao que sentira há pouco perante o gesto de afeição da misteriosa rapariga. Agora, ela tornava a repousar o rosto delicado contra seu ombro, com um sorriso a brincar nos lábios. Estivera a acompanhar o olhar maravilhado de Ulisses, ao mirar as máquinas.

Os dois haviam se conhecido a bordo do *Le pilote fantôme*. O próprio Ulisses, Santos Dumont e Landell de Moura, bem como a princesa da Eterna, eram prisioneiros do arrivista que havia declarado guerra ao conjunto da humanidade. Contudo, Robida a tinha apresentado como noiva, em suposto compromisso acordado entre ele e os poderes da Cidade Eterna. Mais uma de suas deslavadas mentiras, pois Larsinie revelara-se sua refém.

A moça revelara-se igualmente dona de um senso moral que apequenava ainda mais o já mesquinho Robida. Sua beleza era incomum: macios olhos cor de mogno, com um anel avermelhado em torno da íris. E de uma vivacidade tão brilhante que, perto dela, os outros pareciam animais empalhados. De corpo forte e flexível, também possuía coragem rara a uma jovem moça. Sem hesitar, vestira o outro paraquedas levado a bordo do *Le pilote fantôme* por Santos Dumont e Ulisses — e se lançara ao ar atrás dele¹.

O carrinho alcançava uma primeira zona de casarios. Irrupendo das casas, homens, mulheres e crianças aproximaram-se do caminho de ferro para admirar os recém-chegado.

¹ Esta primeira aventura de Ulisses Brasileiro, “O Plano de Robida: *Un Voyage Extraordinaire*”, foi publicada na antologia *Steampunk: Histórias de um Passado Extraordinário*, pela Tarja Editorial, em 2009.



Agora Ulisses compreendia a naturalidade de Larsinie em despir-se diante de seus olhos quando haviam alcançado a floresta. As mulheres da Eterna seguiam em seus afazeres com o busto à mostra. Ou uma boa parte delas. Expunham-se sem constrangimento. Seios bronzeados, todos eles, formosos a maioria, mamilos de muitas cores e tamanhos. A cidade fundada pelos refugiados de Atlântida havia agregado indígenas e negros fugidos — bantos, iorubas, guineenses —, suas mulheres também compondo o mosaico semovente de peles à mostra. Por quantas gerações haviam se miscigenado?

Muita festa foi feita em homenagem a Larsinie, quando foi reconhecida por baixo da túnica emprestada. Ulisses, sem entender muito da língua que falavam, esperou junto ao carrinho e ao autômato de incessante tiquetaquear. A sorridente multidão fez menção de arrastar a garota cidade adentro e ela acenou para que ele a acompanhasse. Logo no primeiro passo, Ulisses soube que a máquina deambulante o escoltaria pelo caminho.

A cidade ascendia em degraus, rodeando uma das pirâmides e sua torre altíssima, como a caçoleta circunda a base da lâmina de um sabre. A festiva procissão subia largas escadarias de pedra. Mais gente a ela se agregou. Ulisses olhava ao redor a cada novo degrau galgado: as casas uniam-se umas às outras e o teto de uma tornava-se o pavimento da rua acima, pintada sempre com algum caiamento azul, enquanto as bordas traziam detalhes em vermelho ou dourado. Havia espaço para jardins, em triângulos e retângulos recortados nas superfícies de pedra, ladeados por escadarias. Também havia espaço para aquedutos, a água mantida fresca contra o sol por marquises sustentadas por robustas colunas pintadas de vermelho. Ulisses conhecia o bastante de geologia para reconhecer: a maior parte dos pavimentos, anteparas e muros eram de pedra basáltica. Mesmo certas misteriosas tubulações externas, aparentemente de latão dourado, não destoavam da magnífica arquitetura geométrica.

Havia animais por toda parte, não apenas nos jardins. Nada de cães e gatos, mas bichos do mato — papagaios e araras e outras aves de todos os tipos, soltas assim como os gatos bravos e os lobos guarás. Uma suçuarana adulta dormia em um terraço com a cauda pendurada na beirada, olhos semicerrados apesar da agitação abaixo dela.

Mais além, outras “cidades”: também elas erguidas em pedra e culminadas pela pirâmide-torre, confundindo-se com as nuvens. Uniam-se àquela e umas às outras por estreitas estradas de terra batida e apertados caminhos de ferro. Mais além, campos, riachos e bosques, e a colcha de retalhos das áreas de cultivo. E mais além ainda, altas muralhas irregulares cobertas de vegetação — como uma serra recortada em círculo. Espremendo os olhos para mais ver, Ulisses reconheceu estruturas alongadas a marcar, a intervalos, o perímetro das elevações.

Larsinie reduziu o passo para ficar ao seu lado. Apontou para longe, girando levemente o corpo.

— Há muitos milhares de anos, um vulcão ardeu aqui — disse ela. — Uma cratera formou-se, e nós viemos de Atlântida para habitar o vale fértil que se formou. Aquelas hastes no horizonte projetam um campo protetor invisível e inexpugnável, que impede a entrada de estranhos.

De olhos arregalados, Ulisses coçou o queixo de barba por fazer.

— Agora, com balões dirigíveis — ele considerou — é só questão de tempo até que alguém veja estes monumentos do alto. A menos que os piratas de Robida patrulhem a região.

— Não é preciso — disse a jovem. — A campânula protetora também projeta uma ilusão ao olhar. De perto ou de longe, só o que se vê é um platô coroadado por três picos de dimensões modestas.

Estavam próximos de uma ampla construção, guardada por autômatos armados com altas lanças de metal. Ulisses notou que todos à volta dele e de Larsinie estavam quietos, olhos cravados nos dois. A moça disse:

— Meus pares me aguardam no palácio. Você deve esperar num recinto já preparado para recebê-lo. Vou acompanhá-lo até lá. Assim todos saberão que você é amigo.

Na porta de uma edificação anexa ao palácio, ela despiu-se da túnica e a devolveu a Ulisses. Apenas de sandálias e vestindo uma peça de baixo apertada em seus quadris, Larsinie despediu-se dele com um beijo na boca.

III. O ILUSTRE PRISIONEIRO



— O senhor veio ao Brasil na competência de jornalista, *mister* Bierce?

— Evidentemente. Embarquei para o Amazonas na pista de Robida, que, segundo minhas fontes, teria feito parte da Expedição Thayer em 1865. Um homem com esse nome desapareceu no ano seguinte, num dos pontos desbravados pela expedição. Meu objetivo era retrazar seus passos, descobrir qualquer pista que pudesse esclarecer sua identidade.

Ulisses tornou a abrir o livro de Verne na página em que estava a fita marcadora.

— “Viajantes mal informados têm repetidas vezes confundido esta cidade com a famosa Manoa” — leu em voz alta —, “espécie de cidade fantástica situada, segundo se diz, junto do lendário Lago de Parima, que deve ser o Branco superior, isto é, um simples afluente do Rio Negro, ali é que se diz que existiu o império do El Dorado, cujo soberano, a acreditar nas fábulas da província, todas as manhãs se fazia cobrir de ouro em pó, tão abundante era o precioso metal que se colhia às palhetas naqueles terrenos privilegiados...”

— Uma lenda, evidentemente — Bierce afirmou. — Com certeza, Verne cita aí Walter Raleigh e Robert Schomburgk, que situaram o El Dorado na fronteira norte do teu país. — Fez um gesto irônico com as duas mãos, indicando o ambiente ao redor. — Mas esta cidade secreta está bem mais ao sul! Quase na altura do paralelo cinco, não é verdade?

— Sim, a região do Rio Xingu.

— Por um lado — Bierce prosseguiu —, esta é uma cidade de muitas maravilhas, mas pode simplesmente não ser o El Dorado. E por outro — ele sorriu —, *La Jangada* é uma transposição interessante de aventura de capa e espada para o ambiente incomum da Amazônia, mas eu prefiro o romance anterior, *La maison à vapeur*.

Ulisses não evitou um sorriso.

— O livro é só para a tua diversão?

— Achei apropriado — disse o americano. — Queres saber como vim parar aqui? Enquanto perguntava sobre Robida em um lugar chamado Santarém, um grupo de mestiços agressivos me capturou. Meteram-me amarrado num barco, que me trouxe até aqui. E aparentemente é neste lugar que terminarei os meus dias.

— Mestiços, pois não? — Ulisses disse. — Nesta região, é impossível não cruzar com eles...

— Perdoe-me se causo ofensa. Percebo que o senhor também é mestiço de negro e branco. Lembre-se, por favor, que lutei pela libertação do teu povo, em meu país.

— No *teu* país.

Bierce abandonou definitivamente caderno e lápis e apoiou as costas contra a parede. Pareceu enfim ser um homem velho e cansado. E um segundo depois, um pugilista pronto para partir de seu *corner* para cima do adversário.

— Que tolo eu fui — disse. — Robida é bem conhecido por libertar multidões de oprimidos de todas as cores, e de recrutá-las para seus fins. Tu obviamente estás a serviço dele e fostes colocado aqui comigo para testar minhas opiniões.

Ulisses fez um gesto firme com a mão, para que ele se calasse.

— Nós dois nos testamos um ao outro — admitiu. — Homens como eu são comuns aqui. Assim como os mestiços de branco e índio, talvez ainda mais onipresentes. Mas se aqueles que o sequestraram pareciam menos uma mistura de portugueses e índios, e, por sua tez pálida, mais uma mistura de nórdicos e índios, estão posso lhe explicar quem são eles.

O que Ulisses Brasileiro sabia sobre os *vikings da floresta* fora reunido a partir daquilo que Robida revelara em esparsos momentos, conhecimento esse expandido por Landell de Moura. O padre fora prisioneiro do pirata do ar por mais tempo, e muito aprendera durante seu cativeiro.

Em fins do século dez da Era Cristã, um grupo de várias centenas de vikings, homens e mulheres vindos do que mais tarde seria a Dinamarca, aportaram seus barcos n'algum ponto da América Central. Séculos depois, seus descendentes viram-se agregados ao Império Inca. Nessa época, já teriam sido cooptados pelo povo da Cidade Eterna para se casarem com seus cidadãos e gerarem indivíduos de tez clara o suficiente para atuarem como espiões nos países civilizados.

— Um deles — Ulisses dizia —, que Robida acolheu e rebatizou como Sven em homenagem a um famoso rei da Dinamarca, é um louro de olhos puxados e sede de sangue. Quanto ao Pirata do Ar, seu verdadeiro nome é Robert Robida. Foi de fato recrutado por Louis Agassiz, o zoólogo suíço, para aquela expedição norte-americana. Na época, Robida tinha atividades comerciais na Guiana Francesa.

— Como sabes de tudo isso?...



O olhar de Bierce já fugia para os seus cadernos. O jornalista decerto se dera conta de que Ulisses havia lido suas intenções, pois disse:

— Eles tomaram o meu Smith and Wesson e todos os cartuchos. Mas deixaram-me os cadernos e os lápis. Creio que nunca sairei daqui, mas isso não me impede de procurar a verdade. Se não por dever, por hábito de ofício.

— Apanhe então suas ferramentas de ofício, *mister* Bierce — Ulisses concedeu. — Não lhe contarei tudo o que o senhor precisa saber sobre Robida, mas certamente mais do que jamais viria a descobrir sozinho.

*

Tudo o que fosse construído para deter a superioridade técnica de Robert Robida seria cooptado por ele para o seu objetivo maior: deixar o planeta em um navio capaz de cruzar o abismo entre a Terra e Vênus. E no planeta vizinho, colocar suas mãos numa tecnologia perdida pelos construtores de Eterna. A corrida tecnológica para ganhar os ares com mais aeroplanos e dirigíveis, para construir canhões e foguetes que alcançassem as alturas em que viajam os aparelhos de Robida — tudo isso era arrebanhado por seus espíões e agentes secretos, que sequestravam inventores, sábios e aeronautas como Santos Dumont, Landell de Moura, Edu Chaves e Rolland Garros.

— Ouvi dizer que, em New York, Nicola Tesla é guardado pela polícia vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana — Bierce informou. — Especialmente depois do assassinato de Edison ano passado, no que se acredita ter sido uma tentativa frustrada de sequestro.

— Pois sim — Ulisses concordou. — Eis aí a fórmula do arrivista sem pátria. Deixar que o mundo lhe forneça tanto a mão-de-obra para suas bases e seus navios aéreos, na forma dos oprimidos e insatisfeitos que as nossas sociedades não se cansam de produzir cegamente, como o conhecimento, favorecido pela corrida tecnológica que seus próprios ataques geraram. Isso permitirá que ele realize, ao cabo de alguns anos, seus planos mais ambiciosos.

— Vênus... — Bierce balbuciou. Ele espremeu as têmporas, os caracóis grisalhos brotando de entre os dedos. — É demais para mim. Preciso de ar puro.

Ele apanhou uma jaqueta cáqui jogada sobre o catre e a vestiu. Ulisses levantou-se.

— É permitido?

Ambrose Bierce apanhou seu chapéu.

— É claro — disse. — Aquela muralha invisível funciona dos dois lados. Para nós, meu jovem, o lugar todo é uma grande prisão.

Continua...

